

2

Palavra: uma breve introdução

Neste capítulo, abordamos inicialmente o conceito de palavra de relevância para esta pesquisa, porque confrontamos a composição tradicional com outras perspectivas de composição, tais como o cruzamento vocabular. Além disso, abordamos a composição na perspectiva estruturalista. Dentre seus principais representantes, citamos Leonard Bloomfield e, na descrição do Português, Joaquim Mattoso Câmara Jr. Na perspectiva gerativista, apresentamos Basilio (1999) e, numa perspectiva lexicográfica, trazemos Biderman (1999).

A maior parte deste capítulo discute as palavras compostas: como são estruturadas e a construção de sentido descritivo e metafórico. Nessa perspectiva, apresentamos três correntes de estudiosos de nomes compostos. Em primeiro lugar, apresentamos a abordagem tradicional de Pereira (1926) e, numa abordagem de transição, entre a Gramática Tradicional e o Estruturalismo, inserimos Bechara (2003). Em seguida, discorremos sobre as abordagens estruturalistas com os autores Câmara Jr. (1985) e Carone (2002). Por fim, discutimos as propostas de Sandmann (1991, 1996 e 1997) e Basilio (1989 e 2000a) como as abordagens mais recentes a respeito desses estudos lingüísticos.

2.1

O conceito de palavra

A palavra, na Gramática Tradicional, era considerada a unidade mínima da análise lingüística. Conforme Basilio (1999), no Estruturalismo institui-se o morfema como centro da análise lingüística, pois a palavra perdera seu *status* de entidade principal na estrutura da língua. A partir do séc. XIX, há uma ruptura do modelo clássico Palavra e Paradigma no qual a palavra é o centro da análise lingüística. Esta ruptura é herdada pelo Estruturalismo Americano, cujo fundador é Leonard Bloomfield, introdutor do morfema como a unidade básica de análise morfológica. Ao se considerar o morfema como o objeto central das análises morfológicas, para a autora, a precisão do conceito de palavra fica prejudicado.

De acordo com Bloomfield, as unidades formais de uma língua definem-se em duas (02) categorias: (i) formas livres – que podem ocorrer isoladamente como comunicação suficiente; (ii) formas presas – que só podem ocorrer ligadas a outras. As formas presas incluem os afixos e os radicais presos, sendo que os últimos constituem o sentido incorporado à outra forma. Em **descontente** e **agricultura**, encontramos, como formas presas, o prefixo **des-** e a base presa **agri-**.

Câmara Jr. alterou essa divisão, acrescentando-lhe um terceiro conceito que é o de formas dependentes. São assim denominadas porque não estruturam sozinhas um enunciado com sentido completo; contudo, em alusão à palavra a que se ligam, podem ocupar posições diversas ou permitem a intercalação de qualquer elemento lingüístico. Essas formas dependentes correspondem aos artigos, as preposições etc.

Câmara Jr., o introdutor do conceito de formas dependentes na língua, define palavra como vocábulo com significação externa concentrada no radical, ou seja, constituída de semantema. Ele considera como palavras os substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. Seguidor do Estruturalismo Americano, Câmara Jr. concorda que a palavra é uma forma livre mínima ou um lexema.

Para ele, a dificuldade acontece quando não há correlação entre o vocábulo formal ou mórfico e o vocábulo fonológico. Por exemplo, entre um verbo e seu complemento clítico, como em *vê-lo*, ou entre o artigo e o substantivo, como em *o livro*. Do ponto de vista formal ou mórfico, o verbo e o pronome clítico são dois vocábulos formais, assim como o artigo e o substantivo. Mas, do ponto de vista fonológico, há apenas um vocábulo. Em **Comprei frutas**, pelo aspecto formal, há dois vocábulos; mas fonologicamente, existe apenas um vocábulo fonológico.

Mas também ocorrem dois vocábulos fonológicos integrando somente um vocábulo formal, como em **manga-rosa**, em que cada vocábulo existe separadamente com seu conceito mas, ao se juntarem, constituem uma só seqüência vocabular. A composição por aglutinação, temos apenas um vocábulo formal e um vocábulo fonológico, como em **aguardente**, visto que há uma integração plena dos dois vocábulos, **água** e **ardente**.

Na composição por justaposição, encontramos a situação contrária. São dois vocábulos fonológicos que se combinam num único vocábulo formal ou mórfico. Assim:

(01) Os **beija-flores** cantam.

(02) Elas **beijam flores**.

Em (01), existem dois vocábulos fonológicos com as mesmas pautas acentuais que em (02). Entretanto, há diferença: o composto justaposto de (01) apresenta dois vocábulos fonológicos organizando um só vocábulo mórfico ou formal; já em (02), existem dois vocábulos fonológicos e dois vocábulos mórficos ou formais.

Entendemos que a conceituação de Leonard Bloomfield para formas livres endossada pelo lingüista estruturalista Joaquim Mattoso Câmara Jr. é problemática porque se a palavra é “a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres.”, assim, ao observarmos a estrutura formal ou mórfica dos nomes compostos, percebemos que a proposta estruturalista não assegura uma análise rigorosa. Por exemplo, em **mata-mosquito**, pelo modelo estruturalista, é possível realizar uma divisão em que surgem duas formas ou bases livres. (Basilio, 2004)

Basilio (op. cit.) apresenta a definição de palavra em diferentes ângulos. Escolhemos três apenas, a saber: (i) palavra gráfica – como uma seqüência de caracteres que se posicionam entre espaços ou qualquer sinal de pontuação e que seja uma série de sons formando uma palavra na língua. Nessa perspectiva, a palavra segue o padrão previamente estabelecido na língua de maneira que o usuário não pode fazer reduções ou alterações na palavra que comprometam sua estrutura silábica. (ii) palavra estrutural – A morfologia é a parte da língua responsável pelo estudo das formas lingüísticas recorrentes a seu léxico. Segundo a autora, a palavra apresenta uma estrutura própria, já que seus elementos têm uma ordem fixa, não comportando qualquer alteração em sua forma material. Assim, percebemos palavras em (03), mas não em (04):

(03) **pé-de-moleque, livro;**

(04) **de-moleque-pé, vroli.**

(iii) Para a autora, a palavra se caracteriza também pelo aspecto fonológico. Quer dizer que além da seqüência fônica entre possíveis pausas, é necessário ainda que

as palavras apresentem um modelo de acentuação com foco na tonicidade e duração.

Ao comentar a conceituação da palavra fonológica, Basilio (2004) cita os pronomes clíticos, que se combinam fonologicamente a uma palavra, mesmo que morfologicamente não sejam pertencentes a essa estrutura. O mesmo ocorre com as preposições, que se juntam a uma outra palavra para formar as locuções adverbiais. O comportamento lingüístico das preposições nas locuções adverbiais corrobora a idéia da autora em considerá-las como clíticos, nos casos em que não permitem a introdução de qualquer elemento externo em sua construção, como em, **a pé**, locução adverbial que não correlaciona com ***a todo pé**. Ressaltamos que as locuções adverbiais apresentam unidade de significado e uso.

Em relação às flexões verbais, a autora ainda define a palavra como uma unidade que reúne diversas formas porque as variações morfológicas do verbo provêm do tema verbal.

No escopo da morfologia, há três conceitos próximos, mas distintos: palavra, vocábulo e lexema. Diante disso, Basilio (op. cit.) assegura a correspondência de verbos no infinitivo como palavra e, portanto, um lexema, pois se referem às unidades lexicais da língua. Já as variações verbais são apenas vocábulos e não comportam a conceituação de palavra nem de lexema. São também classificados como vocábulos pela autora as preposições, conjunções e verbos auxiliares.

Os clíticos são termos da língua sem acentuação própria, ou seja, átonos. É exemplo de clítico a sequência **-la** em **chamá-la**, porque se incorpora ao verbo fonologicamente, mas não integra sua estrutura morfológica. Persiste ainda essa dificuldade em definir a palavra, porque, de acordo com a autora, ao analisarmos as preposições que formam as locuções adverbiais, como, **de repente**, vemos que não permitem mudança de seus elementos lingüísticos nem tampouco a introdução de qualquer estrutura nova em seu interior.

Sandmann (1991) define palavra, em convergência com as idéias de Basilio (2004). Afirma que são formas vocabulares diferentes, por exemplo, o singular e o plural de um mesmo lexema, como em **livro** e **livros**. Mas, se acrescentarmos um sufixo derivacional ao lexema, teremos, portanto, um novo lexema ou nova unidade lexical, sendo registrado em uma outra entrada lexical pelos lexicógrafos.

A conceituação sobre palavra num trabalho que discute a composição é importante para situarmos a dificuldade de determinar com precisão qual a melhor definição de palavra composta. Por outro lado, a necessidade de analisar o conceito de palavra pelo viés da semântica se torna indispensável, uma vez que esse aspecto da linguagem refina as informações dos níveis fonológico e morfossintático para assegurar ao termo o *status* de estrutura lingüística como palavra no vernáculo.

Um nome composto só se considera como tal a partir do momento em que há a junção de dois nomes simples para um único referente. Isso envolve o aspecto fonológico porque cada nome simples apresenta apenas uma pauta acentual no processo de composição por justaposição; diferentemente do nome composto por aglutinação, que comporta apenas um acento o qual incide sobre o segundo nome. Esse tópico será discutido mais detalhadamente no capítulo sobre composição e cruzamento vocabular. Biderman (1999) concorda com Basilio na perspectiva de que uma seqüência fônica completa com pausa pode ser uma definição de palavra do ponto de vista fonológico. Assim, o nome composto pode ter reconhecimento formal como palavra porque comporta os traços exigidos pela fonologia, morfologia, sintaxe e semântica da língua.

Adotamos o conceito de palavra apresentado por Basilio (2004), do ponto de vista gráfico, estrutural e fonológico e podemos observar que a união de dois vocábulos para a construção de uma fusão ou interposição vocabular reúne as propriedades dessa classificação. Nosso trabalho focaliza, portanto, a composição, que é construída com duas bases livres. O foco principal do trabalho, a fusão vocabular, também utiliza duas bases livres, como veremos mais tarde. Naturalmente, também existem compostos de bases presas que só constroem sentido quando uma base se junta à outra, como em **biologia, filosofia, agronomia e tantos outros**.

2.2

Palavra composta: sua formação

Nas mais reconhecidas obras gramaticais da nossa língua, encontramos diferenciadas formas de se definir o significado de um processo de formação de palavras por meio da composição. A maioria dos autores apresenta pontos de vista

semelhantes. Um estudo detalhado desses autores revela estes aspectos a respeito do significado de palavras compostas: (cf. Gomes, 2005).

- (a) aproximação feita na nossa mente de dois vocábulos, determinante e determinado ou núcleo e qualificador, que se integram numa só concepção traduzida por uma unidade mais ou menos elevada de expressão;
- (b) junção ou união de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante.

No processo de composição, é necessário que as palavras tenham um vínculo permanente; desse modo o significado novo da palavra composta é recorrente, como sugere o processo. Um exemplo é a palavra **empresa-laranja**. Cada uma dessas duas palavras – **empresa e laranja** –, quando atua isoladamente, tem seu significado próprio e mantém a respectiva acentuação. Porém, quando se juntam, não ocorre alteração do acento. Diferentemente de **planalto**, quando se juntam os dois vocábulos **plano e alto**, não há mais dois elementos separáveis, agora estão numa só estrutura e, logicamente, com a concomitância de perda fonológica e alteração da acentuação dos dois vocábulos.

A formação de uma palavra composta corresponde à expressão de uma idéia única. Por exemplo, a palavra **homem-aranha** é composta de dois radicais e se organiza com a combinação de **homem** e **aranha**, designando um homem possuidor de poderes como de uma aranha, ou seja, capaz de fazer movimentos ou trajetos semelhantes aos que esse aracnídeo é capaz de executar. Outros exemplos são as palavras **amor-perfeito e montanha-russa**, que combinam uma palavra simples com outra também simples, para com a junção, produzirem uma palavra composta, designando um único e novo referente.

2.2.1

Estruturação das Palavras Compostas

Vimos que a composição é um processo de formação de palavras em que se juntam dois vocábulos para a denominação de um ser, uma entidade etc. De acordo com as gramáticas da Língua Portuguesa, nesse processo de composição se envolvem substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, pronomes e numerais. As

funções podem ser tanto de nomeação, como em **livro-caixa** como de caracterização, como em meninos **surdos-mudos**.

Ao juntarmos dois nomes, quer seja com função de nomeação quer seja caracterização, a idéia geral se concentra em um dos termos e a idéia particular no outro. Há constantemente essa relação binária. Por exemplo, no substantivo composto **bóia-fria**, a idéia geral está em **bóia**, já a idéia específica está em **fria**. Isto é, temos um caso de nomeação.

De um modo geral, os nomes compostos são formados conforme a classe gramatical dos constituintes. Podemos encontrar as seguintes combinações de acordo com Kedhi (2005):

substantivo + substantivo

Dois substantivos se juntam sendo que o determinado normalmente antecede o determinante nos compostos genuinamente de origem portuguesa como em **navio-escola**. Todavia, o determinante pode anteceder o determinado como em **papel-moeda**.

substantivo + preposição + substantivo

Em todas as gramáticas, essa estrutura morfológica é conhecida como um nome composto. Para alguns autores, o primeiro substantivo é o determinado; já a estrutura preposicionada é o determinante como em **mula-sem-cabeça**.

substantivo + adjetivo / adjetivo + substantivo

Nos nomes compostos com essa combinação, como **cachorro-quente**, **pé-frio** e **boa-vida**, a concordância nominal é muito evidente de forma a entendermos que se trata de uma estrutura sintático-semântica na qual o substantivo é sempre o determinado e o adjetivo é o determinante.

verbo + substantivo

Nessa estrutura, o verbo, conforme alguns autores, corresponde ao imperativo afirmativo da segunda pessoa singular. nos compostos de outrora. Porém, Kedhi (2005) analisa como a terceira pessoa do singular do presente do indicativo como em **saca-rolhas**, instrumento que saca rolhas. Já para outros autores, corresponde ao tema verbal, quer dizer, o radical seguido de sua vogal temática. Câmara Jr. (1985) observa que essa estrutura lingüística relaciona-se com a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, entretanto acrescenta que houve uma reinterpretação semântica, visto que não há propriamente uma ordem ou algo correlato desse modo verbal com o sentido do composto envolvendo uma forma verbal no primeiro vocábulo.

As composições com tal estrutura apresentam o substantivo como objeto direto do elemento primeiro, que é o verbo transitivo direto. Isso corrobora a perspectiva de que a composição é uma combinação sintática lexicalizada.

adjetivo + adjetivo

Essa construção composicional mantém o primeiro elemento com o tema em **o** invariável como em olhos **castanho-claros** e é utilizada para indicar que alguém apresenta simultaneamente duas qualidades, como em aluno **luso-brasileiro**, ou delimitar a significação de um dos qualificativos, como em **amarelo-escuro**.

Além dessas estruturas, é possível encontrarmos ainda composições com:

verbo + verbo (quebra-quebra)

verbo + advérbio (bota-fora)

advérbio + adjetivo (sempre-viva)

advérbio + substantivo (bem-querer)

pronome + substantivo (Nossa Senhora)

numeral + substantivo (três-marias)

A relevância dessa estruturação lingüística é fundamental para o conhecimento primordial do que seja a composição como processo formador de vocábulos a partir da combinação de dois constituintes que fazem alusão a um só referente. Além disso, é freqüente que haja a perda do sentido de cada um dos

componentes do composto, como **sangue-de-boi**, termo composto designativo de um tipo de selo brasileiro. Assim, os vocábulos, isoladamente, não descrevem objetivamente a palavra composta.

2.2.2

Abordagem Tradicional sobre Palavra Composta

Dentro de uma abordagem tradicional, a composição se efetua de três modos: justaposição, aglutinação e prefixação. Nesse enfoque, apresentamos Pereira (1926), que lida com palavras compostas prefixais, justapostas e aglutinadas.

De acordo com Pereira (op. cit.):

(1) A prefixação ocorre quando se lhe junta à palavra primitiva um prefixo de forma que possa acrescentar ao nome uma idéia acessória. Dessa forma, a palavra primitiva é o determinado, e o prefixo é o determinante. Nesse caso, a prefixação acontece quando utilizamos o afixo anteposto ao radical, o qual também exerce função lingüística em outros enunciados. Assim, vocábulos compostos prefixados como, **compor, deter, sobre peso e bendito** são exemplos dessa prefixação, considerando-se que os prefixos **com, de, sobre e bem** -, ora funcionam como preposição – **com, de e sobre** -; ora funcionam como advérbio – **bem** -, os quais podem ser utilizados separadamente em outras situações enunciativas. Isso ocorre devido à origem desses prefixos, por terem passado por estágios evolutivos da língua romana em que ocuparam funções morfológicas de advérbio, preposição etc. Apresentam, portanto, essa ambigüidade morfossintática e semântica devido aos vestígios latinos, de tal forma que é possível encontrá-los em diversos enunciados sem a função de prefixo, como:

(05) O livro está **sobre** a mesa.

(06) Vitória fala **bem**.

Esses enunciados nos mostram, por exemplo, que os elementos **sobre** e **bem** que ora foram utilizados como prefixos nos vocábulos **sobre peso** e **bendito** agora exercem as funções da preposição **sobre** e do advérbio **bem**. Entretanto,

podem ocorrer como prefixos ao se juntarem a uma base livre mínima, diferentemente de quando ocorrem como advérbio ou preposição, pois acompanham outra base livre ou independente.

(2) Já a composição por justaposição apresenta-se com a combinação de duas palavras para expressar um só objeto, ser, entidade ou idéia, preservando assim a integridade gráfica e prosódica dos dois termos constituintes da nova estrutura lingüística. Por isso, a composição por justaposição é denominada pelo autor como imperfeita ou imprópria porque, ainda que formem uma só idéia, os elementos constituintes mantêm seu acento tônico primário e forma gráfica, como ilustrado em: **pombo-correio**, **unha-de-boi**, **girassol**, **carro-cofre** e **buscapé**.

É raro, porém, o determinante preceder o determinado como em **mãe-pátria**, **papel-moeda**, processo muito produtivo no alemão, inglês e latim, segundo o autor.

Pereira (1926) apresenta a composição por justaposição de três modos: coordenação ou concordância, subordinação ou dependência e locuções ou frases verbais.

A composição por justaposição por coordenação ou concordância é formada por elementos coordenados ou substantivos apostos, sendo o determinante um adjetivo ou um substantivo aposto. Em **amor-perfeito**, **amor** é o determinado, já **perfeito** é o adjetivo ou determinante. Diferentemente de **couve-flor**, em que **couve** funciona como o determinado, e **flor** se caracteriza como um substantivo aposto, que concentra a idéia específica da estrutura composicional.

Nesse conjunto de vocábulos compostos, encontramos os chamados elípticos porque omitem, espontaneamente, o conectivo de ligação entre um e o outro termo. Exemplo: **couve-flor** é uma **couve** que tem a forma de **flor**.

Ainda em referência aos compostos coordenativos, aborda-se a existência dos adjetivos compostos pelo mesmo processo da justaposição, como: **histórico-cultural**, **afro-brasileiro**.

Já a composição por justaposição ainda acontece quando há a subordinação ou dependência do determinante para com o determinado, como em **pé-de-boi**, no qual **pé** é determinado, enquanto **de-boi** é o determinante. Também observamos essa ocorrência em compostos de bases presas como **agricultura**, que significa **cultura do campo**, em que **cultura-** é o determinado e **agri-** é o determinante, conforme Pereira (1926).

Por fim, o autor apresenta as locuções ou frases verbais as quais formam nomes compostos. São exemplos seus **beija-flor**, **bota-fora**, **ganha-pão** e **pára-quedas**.

(3) A composição por aglutinação, segundo o autor, acontece quando os vocábulos estão numa justaposição mais íntima de tal modo que o primeiro elemento perde sua autonomia prosódica e se funde com o elemento seguinte. São exemplos de compostos aglutinados: **aguardente** (água + ardente), **fidalgo** (filho+ de + algo), **puxavante** (puxa + avante), **petróleo** (pedra + óleo).

Para que haja a concepção de uma nova idéia com o processo de formação de palavra através da composição, é preciso analisar como os elementos estruturais de palavras se combinam, ou seja, é imprescindível a presença de dois termos para um único referente.

Para o autor, o processo da composição por aglutinação é a união íntima de duas ou mais palavras para formar uma outra palavra. Nesse processo, verifica-se que não acontece a junção sem que haja prejuízo na integridade de um de seus elementos ou até nos dois elementos constituintes. Nas aglutinações, as perdas fonológicas, normalmente, acontecem no primeiro vocábulo e são mínimas, isto é, alguns fonemas se desprezam para a combinação do nome composto. Por isso, a aglutinação é denominada como um processo de composição perfeita porque há a integração das duas palavras no composto pleno.

2.2.3

Abordagem de Transição: Bechara (2003)

O estudioso Evanildo Bechara é apresentado nesta dissertação como um autor que transita entre uma perspectiva da gramática tradicional e uma abordagem estruturalista. Para tanto, ao trabalhar as palavras compostas em três perspectivas, como justapostas, aglutinadas e prefixais, se insere na Gramática Tradicional. Por outro lado, na medida em que ele trabalha as palavras compostas como uma junção de estruturas lingüísticas, filia-se à perspectiva estruturalista da Lingüística.

Para ele, compreende-se a composição como “a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante” (p.351). E exemplifica com **papel-moeda** e **boquiaberto**. O autor acrescenta que há compostos com elementos eruditos gregos e latinos, não sendo possível encontrá-los independentes no discurso. Também existem compostos vernaculares cujos elementos são livres na língua, como **mãe-pátria** ou com algumas alterações simples no seu aspecto formal, por exemplo, **planalto** de **plan[o]alto**.

Para ele, os compostos podem ser subdivididos em disjunção e contraposição. Para isso, o autor categoriza os compostos devido ao pertencimento do segundo elemento na mesma categoria ou não do primeiro nome. Isto é, se o determinante não estiver relacionado diretamente com o determinado, então acontece uma composição por disjunção. Diferentemente dos nomes compostos por contraposição em que há uma relação bastante estreita entre os dois nomes simples.

No caso dos compostos por disjunção, é possível haver a junção dos dois elementos graficamente ou não. São exemplos do autor: **bicho-carpinteiro**, **peixe-espada**, **opinião-pública** e **guerra-civil**. Esses nomes compostos por disjunção se agrupam nessa categoria porque não é comum **carpinteiro** caracterizar **bicho** tampouco **espada** em relação a **peixe**.

Os compostos por contraposição, por sua vez, apresentam o segundo elemento com junção predicativa quando há dois substantivos juntos numa hierarquia sintática de coordenação. Exemplos: **escola-modelo** e **carro-bomba**. Porque, para o autor, o termo **modelo** e **bomba** estão qualificando os substantivos **escola** e **carro**.

O autor apresenta a composição como um mecanismo sintático que ocorre numa expressão nominal. Por isso, explica que um composto como **papel-moeda** equivale a **papel que é moeda**.

Bechara (2003) divide o processo de formação de palavras compostas em coordenação e subordinação devido à dependência ou não de um termo em relação ao outro.

A composição por coordenação apresenta uma seqüência de elementos coordenados. Ele cita que há compostos coordenados em que o determinante vem antes, como em **mãe-pátria** e **papel-moeda**; ou vem depois do determinado, como **carro-dormitório** e **peixe-espada**.

A composição por subordinação, por sua vez, apresenta algum termo dependente de outro. Quer dizer, existe algum nome funcionando como complemento de substantivo, de verbo etc. A preocupação do autor é com as funções sintáticas, quando diz que a composição tem como objetivo a função sintática.

O autor acrescenta que, se os substantivos constituintes do nome composto tiverem duas formas para os dois gêneros, o segundo substantivo concordará com o gênero do determinado, como **batata-rainha**. Diferentemente dessa situação, não haverá concordância entre os dois substantivos se não houver distinção gênero, como ocorre em **cobra-cascavel** e **fruta-pão**.

Para ele, é muito freqüente a presença de nomes compostos nos quais a preposição **de** é omitida naturalmente. **Pontapé** e **porco-espinho** são exemplos do autor os quais correspondem à **ponta do pé** e **porco de espinho**.

Do ponto de vista da composição por subordinação, o autor distribui essas combinações em nove grupos, a saber:

- a) substantivo + adjetivo (ou o contrário)
obra-prima e boquiaberto
- b) adjetivo + adjetivo
surdo-mudo
- c) pronome + substantivo
Nosso Senhor
- d) numeral + substantivo
onze-letras e terça-feira
- e) advérbio + substantivo / adjetivo / verbo
sempre-viva e bem-querer
- f) verbo + substantivo
busca-pé e passatempo
- g) verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo
vaivém e leva-e-traz
- h) verbo + advérbio
pisa-mansinho
- i) um grupo de palavras
um Deus-nos-acuda e os disse-me-disse

Esses exemplos demonstram que a composição por subordinação é um mecanismo mais amplo do que a coordenação na Língua Portuguesa.

Quanto à junção dos vocábulos, Bechara apresenta os radicais livres e os radicais presos. Para ele, os nomes compostos formados a partir de radicais livres apresentam a individualidade de cada vocábulo:

- (i) na escrita, um radical se junta a outro ligados normalmente por hífen;
- (ii) na pronúncia, cada base livre mantém seu acento tônico, sendo considerado o mais forte o último que serve para classificar **couve-flor** como oxítone e **guarda-chuva** como paroxítone. Essas composições exemplificam a justaposição. O hífen não é um recurso consistente para explicar as palavras compostas por justaposição, como **passatempo** e **girassol**.

De forma oposta, há o processo de composição por aglutinação em que as palavras formadas com maior integração dos dois radicais ou das duas bases livres. Isso é consequência de três mecanismos, como:

- (i) a ocorrência de apenas um acento tônico no composto;
- (ii) a troca ou perda de fonema;
- (iii) a modificação da ordem mórfica.

É um ponto relevante no texto do autor porque percebemos a preocupação para com o modo de integração dos dois vocábulos no processo de composição por aglutinação. Ou seja, há mecanismos que facilitam essa combinação, os quais devem ser especificados ao leitor no sentido de pontuar que há um processamento fônico nessas ocorrências de nomes compostos, que não ocorrem aleatoriamente.

Para Bechara (2003), há um processo de adaptação tanto da primeira palavra quanto da segunda na composição por aglutinação. Para haver a aglutinação das duas palavras, convém observar os seguintes aspectos em relação à primeira palavra:

- (i) alteração do final do vocábulo, quando isolada. Ex.: **lobisomem** de **lobo** para **lobis**;
- (ii) diminuição da palavra ou do radical. Ex.: planalto, **plan** – é o radical de **plano**;
- (iii) o radical é modificado em relação à palavra isolada. Ex.: **vinicultura**, **vin** – é o radical modificado da palavra **vinha**.
- (iv) o radical não corresponde a qualquer vocábulo do português. Ex.: **agricultura**, o radical **agr-**, o qual significa campo, não há na língua nacional.

A segunda palavra, por outro lado, sofre apenas três alterações, a saber:

- (i) alteração no final da palavra. Ex.: **monocórdio** (uma só **corda**);
- (ii) modificação no radical. Ex.: **vinagre**, o adjetivo **acre** se transforma em **-agre**;
- (iii) Um radical destoante da palavra quando isolada. Ex.: **agrícola**, o sentido de **cola** é habitar ou cultivar, diferente de quando isolada.

Resumidamente, Pereira (1926) difere de Bechara (op. cit.) em vários pontos, a saber:

- (i) apresenta a prefixação como um processo de composição;
- (ii) não distingue as palavras compostas por disjunção e contraposição que se relacionam com a função do determinante pertencer ou não à mesma categoria gramatical;
- (iii) não aborda as várias maneiras de combinação dos nomes compostos;
- (iv) não prioriza a aglutinação como o legítimo processo composicional, visto que nesse caso há uma maior integração das bases livres em uma só estrutura vocabular;
- (v) não observa as possibilidades de perdas fonológicas de cada vocábulo para que haja o processo de composição por aglutinação.

Dessa forma, observamos que Bechara (2003) apresenta significativas características acerca do processo de composição, de sorte que o reconhecemos como um estudioso mais atualizado com as teorias lingüísticas contemporâneas.

2.2.4

Abordagens Estruturalistas sobre Palavra Composta

A composição, processo formador de palavras, não é diferente de outros objetos de estudos lingüísticos, porque está sujeita às diversas abordagens descritivas propostas pelos lingüistas. Esse processo lexical é apresentado pela visão tradicional de Pereira (1926) que o divide em três maneiras, como prefixação, justaposição e aglutinação e Bechara (2003), gramático em transição entre a Gramática Tradicional e o Estruturalismo, divide-o de duas maneiras, como abordamos anteriormente, em justaposição e aglutinação.

Por outro lado, introduzimos as abordagens dos lingüistas estruturalistas Câmara Jr. (1985) e Carone (2002), que trabalham com a mesma perspectiva teórica, mas com pontos de vista diferentes sobre as palavras compostas.

Câmara Jr. define o processo de composição como “uma associação significativa e formal entre duas palavras, e daí resulta uma palavra nova, em que se combinam as significações das que as constituem” (p. 211).

Para ele, o processo de composição pelo aspecto fonológico ocorre em três perspectivas, como: a justaposição, a aglutinação e a prefixação. A composição por justaposição acontece pela união de dois vocábulos fonológicos, cada um com seu acento; na composição por aglutinação ocorre apenas num único elemento fonológico. A prefixação será abordada mais adiante em suas especificidades.

O primeiro modelo de estrutura composicional acontece quando o segundo elemento é um adjetivo ou substantivo, porém concorda em gênero e número com o substantivo, o qual é o primeiro constituinte. São exemplos do autor: **obra-prima** e **parede-mestra**. Nesse grupo, o autor inclui os nomes compostos que designam os dias de semana, como **segunda-feira**, e as formas apocopadas dos adjetivos **recente** e **grande** em **grão-duque**, **grã-duquesa** e **recém-formado**. Embora essas primeiras estruturas lingüísticas – **grão**, **grã** e **recém** – não variem em número, ocorre a flexão de gênero em **grão** e **grã**.

O segundo modelo apresentado por Câmara Jr. (1985) diz respeito aos compostos cuja estrutura é a combinação de dois substantivos em que o segundo caracteriza o primeiro sem que lhe seja subordinado por meio da preposição **de**. Para ele, esse padrão de nome composto é uma variação do anterior. Exemplifica

com os nomes **mestre-escola** e **couve-flor**. Insere ainda os compostos **estrada de ferro** e **oficial de justiça** como pertencentes a esse grupo.

Um terceiro modelo de nomes compostos, conforme o autor, é o que se constitui de um primeiro elemento que é verbo seguido de um vocábulo como objeto direto. A forma verbal é rizotônica e seu tema constitui a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. De acordo com esse lingüista, se essa for a explicação do surgimento desses nomes, provavelmente, houve uma nova reinterpretação semântica, como já comentado anteriormente.

Câmara Jr. ressalta que a tendência natural dos nomes compostos é se integrarem de tal modo um no outro que a flexão de número só ocorrerá no último vocábulo, como em **planalto – planaltos** e **passatempo - passatempos**.

De acordo com o autor, a Língua Portuguesa sofreu uma significativa perda dos compostos, denominados por Basilio (2004) de bases presas, como **agrícola** “aquele que cultiva o campo”.

Por fim, ele comenta o último processo de composição que é por prefixação. Acrescenta que é um processo genuinamente do Português o qual inclui a criação de verbos e nomes. A composição por prefixação, embora seja uma das subdivisões do processo composicional, utiliza os mecanismos da justaposição e aglutinação a partir de três recursos lingüísticos, tais como:

- (a) Partículas que exercem também papel de preposição;
- (b) As partículas variantes das preposições;
- (c) As partículas que atuam exclusivamente como prefixos.

São exemplos de palavras compostas por prefixação em Câmara (1985):

- (i) por justaposição – **antepor** (preposição ante + verbo pôr), **menosprezar** (advérbio menos + verbo prezar) e **inapto** (prefixo in- + adjetivo apto);
- (ii) por aglutinação – **sobrescrito** (preposição sobre + adjetivo escrito), **bidestro** (advérbio bis + adjetivo destro) e **imaturo** (prefixo in- + maturo).

Para Carone (2002), a composição se estrutura apenas de uma única maneira, ou seja, só pela aglutinação. Segundo ela, a justaposição e a aglutinação são apenas dois estágios diferentes da composição. O esperado é que o composto já ocorra aglutinado como em **agu(a)ardente** e **plan(o)alto**, a fim de haver a total combinação de um termo com o outro e não sejam percebidas suas formas originais. É o que percebemos nestes vocábulos com a integração das palavras numa estrutura única, a saber: em **aguardente**, há a crase de um A final com um A inicial. Ou, como em **planalto**, em que a elisão das duas vogais O e A, elimina a primeira.

Freqüentemente, para que aconteça a integração plena dos vocábulos envolvidos na composição por justaposição, os termos tendem atingir a aglutinação. Inicialmente, os vocábulos ganham a sílaba tônica do segundo vocábulo, ou seja, o primeiro perde sua independência prosódica de acordo com os comentários já feitos. Nesse estágio, o conjunto dos dois vocábulos é apenas um vocábulo fonológico. A partir desse nível de composição, pode haver a total perda da configuração dos termos originais, ponto de não sabermos reconhecê-los, como em **mancheia de mão + cheia** ou **fidalgua de filho de algo**.

Carone (2001), por seu turno, relaciona os compostos por subordinação e coordenação. Primeiro, apresentamos a composição por subordinação. Para tal fim, ela também esquematiza as estruturas composicionais em que mescla funções morfológicas (classes gramaticais) com funções sintáticas (aposto, adjunto, complemento). Certamente, isso reforça mais uma vez o fato de a composição ser uma construção sintática. Vejamos o esquema:

- (i) verbo + complemento= **mata-mosquito**;
- (ii) substantivo + adjunto (adjetivo)= **cachorro-quente**;
- (iii) substantivo + adjunto (sintagma preposicionado)= **pão-de-ló**;
- (iv) substantivo + aposto= **couve-flor**;
- (v) adjunto + adjunto= **sempre-viva**;
- (vi) uma oração completa= **maria-vai-com-as-outras**

Diferentemente disso, a composição por coordenação acontece apenas em duas maneiras, a saber:

- (i) verbo+verbo= **vaivém, leva-e-traz;**
- (ii) adjetivo+adjetivo= **castanho-claro, rubro-negro.**

A autora não aborda, em composição por coordenação, os nomes compostos formados por substantivo e substantivo. Ou seja, esse tipo de junção só ocorre, para ela, quando há a dependência de um para com o outro substantivo. Assim, **cantor-compositor** não é incluído em sua análise porque não existe dependência entre os substantivos. Também acrescentamos que a formação de compostos cuja estrutura é uma oração não interessa a este texto, porque focamos apenas composições com duas palavras, já que o foco desta dissertação é a fusão ou interposição vocabular, a qual só trabalha com duas palavras.

2.2.5

Abordagens Recentes sobre Palavra Composta

Após a evolução dos estudos estruturalistas, outras vertentes da Lingüística surgem com o objetivo de propor novas análises lingüísticas. Nesse caso, temos Basilio (1989 e 2000a) com a abordagem a respeito da composição descritiva e figurativa; e Sandmann (1991 e 1997) apresenta um estudo sobre o processo de composição focalizando os compostos vernáculos *versus* não-vernáculos; copulativos *versus* determinativos e exocêntricos *versus* endocêntricos. Ressaltamos a importância dos estudos desses autores em Morfologia já que são escassos os estudiosos nessa área no Brasil e os trabalhos desenvolvidos sobre o processo de formação de palavras denominado composição.

2.2.5.1

As Propostas de Sandmann

2.2.5.1.1

Compostos vernáculos e compostos não-vernáculos

De acordo com Sandmann (1991), na estruturação composicional em que aparecem substantivo + substantivo, há dois modelos de formação lexical, que são: os compostos vernáculos cuja combinação é de determinado (DM) e

determinante (DT). Para ele, isso acontece quando a idéia geral está centrada no primeiro substantivo e a idéia específica centraliza-se no segundo substantivo. Por exemplo, em **trem-bala**, temos a união de dois substantivos, sendo que o primeiro apresenta a idéia central, isto é, é o determinado – trem -, e **bala**, o segundo substantivo traz a idéia específica, portanto é o determinante. Essa padronização de formação de nomes compostos é tipicamente portuguesa. Já os compostos não-vernáculos ou neoclássicos constituem uma seqüência de determinante (DT) e determinado (DM) os quais surgem freqüentemente nos meios de comunicação, tais como **Eurocopa**, **maricultura**, essa última composição se refere à criação de seres marinhos. A forma de o determinante anteceder o determinado é típica, segundo o autor, de compostos do Grego, como em **psicologia** e do Latim, **agricultura**.

2.2.5.1.2

Compostos copulativos e determinativos

Para Sandmann (1991, 1996), o substantivo composto copulativo ou coordenativo serve para rotular em algum ser qualidades menores ou mais específicas. Nesse tipo de composto, um elemento não se subordina ao outro, havendo inclusive, estruturas com mais de dois vocábulos, tais como, **hortifrutigranjeiro**; ou ainda elementos gregos numa só palavra, como em **andrógino**. Ainda encontramos nomes compostos como, **cantor-compositor**, **copeira-arrumadeira** e **copeiro-arrumador**. Nesses exemplos, percebemos não haver dependência entre os dois substantivos.

O autor afirma ainda que a ordem do composto determinativo é determinado (DM) -determinante (DT), de tal forma que, se houver dúvida quanto ao tipo de papel, isto é, se for de coordenação ou subordinação, basta apenas fazermos uma paráfrase do composto, como em **trem-bala**. Ou seja, refere-se a um trem cuja velocidade é proporcional à de uma bala. Se houver a mudança dos elementos constituintes do composto, não haverá o mesmo sentido, logo não corresponderá à realidade. Ele exemplifica esse caso com a palavra composta **meia-calça** cuja paráfrase é “meia em forma de calça” pode ser também **calça-meia** que, em termos teóricos, não altera a situação de nome, pois é coordenativo

e não determinativo. Ressalta o autor que nos compostos determinativos a ordem é inalterada.

Paralelamente aos substantivos copulativos ou coordenativos, há os adjetivos compostos copulativos ou coordenativos. Como a função do adjetivo é a de predicar um substantivo, podemos encontrar mais de uma predicação referente ao mesmo termo quando existir um adjetivo composto como em olhos **castanho-claros**.

Do ponto de vista sintático, assim como os substantivos compostos copulativos, os adjetivos compostos copulativos admitem a combinação de vários adjetivos. Isso é o que acontece em universo **biofisicopsicossocial**, exemplo do autor, no qual encontramos **bio-** forma apocopada de **biológico**; **físico**; **psico-** também forma apocopada de **psicológico**, por fim, **social**. Ressaltamos que podem existir problemas de ordem pragmático-semântica porque não é recomendado do ponto de vista da língua, combinar características que não preservam entre si algo em comum. Por exemplo, predicar o nome **música verde-triste** ou **livro contente-carro** não é possível, porque pragmática e semanticamente não há qualquer relação significativa entre **verde e triste** tampouco entre **contente e carro**, visto que do prisma da construção enunciativa, esses adjetivos compostos não conseguem estabelecer sentido em relação aos respectivos nomes aos quais fazem referência.

Contrariamente a isso, nos adjetivos compostos determinativos, os bloqueios são de natureza sintática, já que existe um mecanismo de subordinação ou hipotaxe entre os elementos constituintes. Encontramos um processo binário em que um elemento complementa o outro. Por exemplo, em **afro-brasileiro** em que o adjetivo composto determinativo se constitui do núcleo **brasileiro** e do adjunto **afro**.

Há, por sua vez, o modelo não-vernáculo ou neoclássico em que a estrutura se alterna para DT + DM. Se, na Língua Portuguesa, a estrutura padrão é casa bonita e homem pobre, compreendemos assim que estruturas com dois substantivos, como **trem-bala**, **fortaleza-símbolo**, **data-limite**, nos quais o segundo substantivo qualifica o primeiro ou o segundo está subordinado ao primeiro, chamamos então de compostos determinativos vernáculos de substantivo+ substantivo (S + S). Entretanto, há compostos determinativos nos

quais a estrutura seguida é DT + DM, como, **Eurocopa**, **maricultura** ou o grego **psicologia** e o latino **agricultura**.

2.2.5.1.3

Compostos endocêntricos e compostos exocêntricos

Conforme Sandmann (1997), há compostos nos quais o sentido do todo não está presente na estrutura lingüística do significante, isto é, a significação não está construída a partir da junção dos dois constituintes, mas sim na construção metafórica que é transferida para esses nomes. A esse fenômeno lexical, o autor denomina de compostos exocêntricos.

Já o composto endocêntrico acontece quando o núcleo faz referência literalmente à designação do ser, evento, objeto etc. Em **peixe-agulha**, por exemplo, o núcleo **peixe** nomeia um tipo de peixe, mas **agulha** é uma designação metafórica.

Em relação à motivação sígnica, o nome composto endocêntrico é o mais motivado, segundo o autor, porque só uma parte do nome tem sua significação elaborada figurativamente, como em **trem-bala**, o qual se refere a um meio de transporte cuja velocidade é semelhante à de uma bala. Os compostos exocêntricos apresentam sua significação totalmente metafórica, isto é, há uma semelhança em algum vocábulo do composto que facilita a ligação entre a enunciação lingüística complexa à nomeação do referente. Assim, **viúva-negra** faz alusão a um tipo de aranha e não literalmente a uma viúva. São compostos exocêntricos **beija-flor**, **chapa-branca** e **mão-fechada** em que a contigüidade facilita ao usuário da língua a motivação para a designação desses compostos. Assim, a contigüidade é o caminho de que o falante precisa para entender que **beija-flor** é uma outra designação também para o colibri. Pelo mesmo raciocínio, é que compreendemos ser um carro governamental por utilizar uma placa sempre branca recebe a denominação **chapa-branca**.

Dessa forma, os compostos exocêntricos são menos motivados que os compostos endocêntricos uma vez que o falante recorre a fatores culturais para compreender a significação do nome completo. Por exemplo, o composto **mão-aberta** é a nomeação de uma pessoa esbanjadora ou perdulário, ou seja, não tem dificuldade em gastar dinheiro com nada.

2.2.6

Basilio (2000a): a composição descritiva e figurativa

Assim como outros autores, Basilio (2000a) afirma que são dois os processos mais genéricos de formação de palavras: a derivação e a composição. Para a autora, na derivação, formamos uma palavra pela adição de um afixo a uma base. A composição, por sua vez, caracteriza-se pela junção de uma base a outra para a formação de uma nova palavra. As bases que formam a palavra composta podem ser livres, como em **maria-mole** ou presas, como em **morfologia**.

A derivação mantém a categoria nocional da base, isto é, seu teor geral. Esse processo se estrutura com a presença de afixos, que são os prefixos ou sufixos agregados aos radicais dos vocábulos. A composição, por sua vez, permite a combinação de significados particulares na formação de palavras pela junção de bases livres ou presas. A diferença entre os dois processos se evidencia no vocábulo derivado **vendedor** – em que o sufixo **-dor** transforma o verbo **vender** em um substantivo que indica o agente da ação de **vender**. Já em **obra-prima**, encontramos uma denominação para um objeto artístico feito com primor pela junção de duas bases livres para formarmos essa palavra composta.

A composição, segundo a autora, “envolve a junção de uma base a outra base; não há elementos fixos, não há funções pré-determinadas no nível dos elementos.”(2000a:29) Contrariamente à derivação, a composição utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais com a função de denominar e/ou qualificar seres, eventos, entidades etc. Como observamos em **sofá-cama**, **belas-artes** e **guarda-vestido**.

De acordo com a autora, a composição é utilizada, sobretudo, com o objetivo de designação de seres; em outros casos, como qualificação. É freqüente o distanciamento entre os elementos constituintes do composto e a significação resultante dessa combinação, como observamos em **louva-a-deus** e **olho-de-sogra**. Nesses exemplos, os elementos constituintes se desprendem integralmente da significação particular, porque, na junção dessas bases livres, **louva + a + deus** e **olho + de + sogra**, o sentido é construído a partir das duas bases por meio do processo metafórico ou metonímico em que a significação parte de fatores sócio-culturais.

A composição, por sua natureza funcional, permite cada vez mais categorias particularizantes dos nomes compostos. Isso ocorre com o uso das estruturas sintáticas para fins lexicais, as subdivisões da composição possibilitam a denominação ou qualificação dos seres em geral pela combinação de dois elementos semânticos que, existindo independentes na língua, juntam-se num só constituinte lexical.

A autora afirma que a função de nomeação pode ser descritiva ou metafórica. Na nomeação descritiva, o ser, a entidade ou uma substância são nomeados por suas características objetivas mais importantes. Na composição, em geral, temos uma palavra como núcleo desse processo; e outra palavra como elemento especificador ou determinante. São exemplos citados pela autora, **sofá-cama**, **papel-alumínio**, **navio-escola** e **carta-bilhete**. Com base nesses exemplos, destacamos os núcleos da composição: **sofá-**, **papel-**, **navio-** e **carta-**. Por outro lado, os termos **-cama**, **-alumínio**, **-escola** e **-bilhete** funcionam especificamente como qualificadores do primeiro termo.

Nos exemplos de palavras compostas, percebemos pela combinação dos vocábulos o sentido e a transparência das estruturas lexicais de tal forma que um **peixe-espada**, por exemplo, é um **peixe**, o qual tem o formato de uma **espada**; uma **carta-bilhete** refere-se a uma **carta** que, por conter poucas palavras ou por ter sido escrita em um curto papel, recebe essa descrição.

A nomeação por metáfora ocorre não por critérios descritivos ou objetivos, por uma transferência de propriedades em termos associativos ou figurativos. A autora cita como exemplos de composição metafórica os compostos **olho-de-sogra** e **louva-a-deus**. Nesses casos, não há como depreendermos o sentido de todo o composto observando apenas as partes que o constituem. Em **olho-de-sogra**, temos como referência um docinho com ameixa que, pela semelhança com o olhar vigilante ou atento de sogra, ganha essa denominação metafórica. O nome composto **louva-a-deus**, que faz alusão a um inseto, o qual se assemelha a uma pessoa quando se posiciona para fazer oração, é outra composição nominal construída metaforicamente. Na composição metafórica, freqüentemente, agrava-se o distanciamento entre o significado do nome composto e o significado das partes pela própria função de denominar algo; evidentemente, essa distância é aumentada quando tratamos especificadamente de compostos metafóricos.

A respeito das combinações constantes, a autora introduz esse tópico para contrapor com as formas metafóricas ou imprevisíveis que acontecem regularmente na língua. No entanto, a composição com os verbos **guarda-**, **porta-**, **pára-** e **salva-** é constante, além de muito produtiva.

Sobre esse tipo de composição, Basilio destaca dois tipos de regularidade:

- (i) a estrutura **verbo + substantivo** na composição descreve nomes de agentes e instrumentos. Essa afirmação se refere a todos os nomes compostos com tal estrutura, facilitando assim a interpretação dessas formações compostas.
- (ii) A estrutura da composição com os verbos **guarda-**, **porta-** e **pára-** tem esses verbos como estrutura fixa. Nesse sentido, a composição se aproxima da derivação, visto que nesse processo de formação há sempre uma base à qual se junta uma outra.

Ainda acerca das combinações constantes, salientamos que os compostos de estrutura **verbo + verbo** nos quais a repetição do verbo caracteriza alguns eventos, como: **corre-corre**, **mexe-mexe** e **quebra-quebra**.

Para Basilio (2000a), a composição de palavras é um tipo de formação que utiliza processos sintáticos com objetivos lexicais, conforme mencionado anteriormente, de forma que a metáfora e a metonímia colaboram para o conhecimento semântico dos nomes compostos.

As formações composicionais se organizam de várias maneiras com os mais diversos radicais gregos, latinos e outros. No entanto, observamos que apenas alguns radicais se combinam freqüentemente com outros que, normalmente, as gramáticas normativas e pedagógicas listam essas ocorrências. Segundo a autora, algumas dessas bases são tão freqüentes que se aproximam da situação de sufixos. O exemplo citado pela pesquisadora é a base **log-** que está presente em **psicologia**, **ornitologia**.

Nesse processo de composição, que tem pelo menos uma base presa, o segundo elemento é o núcleo – guarda o sentido geral da palavra; já o primeiro elemento é o especificador - guarda o sentido limitado, delimitado pela palavra. Diferentemente do processo de composição de bases livres em que a posição do determinado e do determinado não é fixa, já com a composição de bases presas ocorre de maneira que o primeiro elemento é o determinante, já o segundo é o determinado.

Por fim, a autora comenta que no processo de composição de bases presas, mecanismo constante da língua formal e utilizado na linguagem científico-tecnológica, não existem construções metafóricas. O vocábulo **biólogo**, composto de bases presas, descreve objetivamente um profissional que trabalha com o meio ambiente.

Pudemos observar que cada autor analisa de um modo particular o processo composicional na Língua Portuguesa. Nesse último tópico, cotejamos Basilio e Sandmann em que a autora se preocupa com as metáforas e metonímias nas formações compostas, com as composições de bases presas e com as composições constantes em nosso vernáculo. Porém, ela ressalta a composição descritiva e a metafórica que correspondem aos compostos endocêntricos e exocêntricos abordados por Sandmann. Diferentemente, o lingüista analisa compostos com características da própria Língua Portuguesa ou não, denominando-os como compostos vernáculos ou não-vernáculos. Também focaliza os compostos metafóricos ou não, designando-os como exocêntricos ou endocêntricos, segundo comentários já feitos. Por fim, ele acrescenta os compostos que não apresentam qualquer relação de hipotaxe ou subordinação de um para com o outro, os quais são os nomes compostos determinativos ou copulativos.

Vimos neste capítulo os vários conceitos sobre composição, processo que envolve a junção de dois vocábulos e, portanto, se relaciona diretamente com o cruzamento vocabular. Essas informações são importantes, uma vez que esses dois processos de formação vocabular apresentam a perda de fonemas em suas bases ou apenas em uma delas. Também é fundamental recorrer aos dois processos, visto que as perdas fonológicas em um processo são maiores do que no outro de acordo com os tópicos abordados no terceiro capítulo desta dissertação. Finalmente, entendemos que esse recorte do processo de composição faz-se interessante nesta pesquisa por mostrar um histórico das palavras compostas nesses últimos anos até as mais recentes abordagens.